

O UNIVERSO ONÍRICO INDÍGENA E A PSICOLOGIA JINGUIANA: considerações sobre o ‘tempo do sonho

Bruna Ranyere Araújo Florêncio CORREIA¹
Maria de Fátima Batista COSTA²

RESUMO

Esta pesquisa observou o universo onírico nas cosmovisões indígena e junguiana, tendo por objetivo iniciar a conhecer os sonhos dessas duas concepções epistemológicas. Isso foi feito por meio de uma revisão bibliográfica da Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Eletrônico Library Online (SCIELO) e National Library of Medicine (PUBMED), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic). Como critério de inclusão usamos artigos completos que abordam o tema citado, publicados entre os anos de 2018 e 2023, e que apresentaram descritores como: Povos Indígenas; Psicologia Junguiana; Sonhos, Colonialidade. O artigo visou também refletir sobre a herança colonial e os danos causados aos povos originários. Para isso foi necessário investigar os conceitos junguiano referentes aos sonhos, e a cosmologia indígena e seus aspectos oníricos.

Palavras-chave: povos indígenas; psicologia Junguiana; sonhos; colonialidade.

1 CAMINHOS PRIMEIROS: introdução

A história nos conta que os sonhos já foram considerados uma espécie de bússola, com a função de nortear os passos da humanidade, iluminando os caminhos a serem seguidos, facilitando as decisões-ações espirituais, sociais, políticas e culturais. Neste sentido, os “sonhos encontram-se nos fundamentos da criação do homem” (COSTA, 2014, p.15). A cosmologia dos povos indígenas quanto ao universo onírico, compreende que o mundo foi criado a partir de fenômenos sonhados por espíritos ancestrais os quais mantêm relações com os

¹ Aluna concluinte do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas – ESUDA.

² Licenciatura e bacharelado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco, mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco e doutorado em Letras também pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora da Faculdade de Ciências Humanas – ESUDA. Email: mfbcostapt@gmail.com

indígenas por meio dos sonhos no tempo.

A problematização feita por Carl Gustav Jung no início do século XX sobre a atividade psíquica e a função do sonho na fundação da própria origem do homens, dialoga diretamente com esta compreensão. Nos conteúdos do inconsciente coletivo, estão presentes imagens primordiais reveladas em grande parte por meio de mitologemas, evidentes principalmente nos “grandes sonhos”, que advêm da camada mais profunda da psique.

Diante do exposto, esta pesquisa observou o universo onírico na cosmovisão indígena e junguiana, tendo por objetivo a elaboração de um estudo introdutório aos sonhos dentro dessas duas concepções epistemológicas. Durante a pesquisa percebemos que não poderíamos iniciar esse diálogo sem refletirmos sobre a herança do tempo, a herança colonial, com o seu modelo de dominação imposto pelo imperialismo europeu, que coagiu os povos originários promovendo o esfacelamento das heranças ancestrais destes que, mesmo violentados, expulsos, arrancados dos seus lugares, dispersados e mortos, resistiram como narrativa, memória, tradição.

Entretanto, este estudo não teve a intenção de sobrepor saberes, ou mesmo colocar os povos indígenas na posição de objeto de pesquisa, mas posicionar o conhecimento destes povos como referencial teórico nesta pesquisa. Compreendemos que os pressupostos junguianos se originaram no solo de um homem branco, europeu, com heranças coloniais. Contudo, o universo onírico na concepção de Jung é de ampliação e não de redução de saberes; por essa razão a visão junguiana está presente neste estudo, não com o objetivo de adequação, mas de promoção de diálogo.

A relevância desta pesquisa se mostra por dar uma contribuição para o refinamento do pensamento social e epistemológico com relação aos povos originários.

2. METODOLOGIA

Este estudo foi feito por meio de uma revisão bibliográfica da Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Eletronic Library Online (SCIELO) e National Library of Medicine (PUBMED), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic). Artigos que apresentassem descritores como: Povos Indígenas; Psicologia Junguiana; Sonhos, Colonialidade. Para o diálogo utilizamos livros clássicos e documentos históricos.

3. HERANÇAS DO TEMPO

A heranças dos séculos possibilita vivermos em constante interação, e de maneira direta ou indireta, modelam a nossa forma de estar no mundo. A sociedade de hoje é fruto de acontecimentos que instauraram mudanças significativas na formulação do pensamento, e por consequência, em nossas interações, seja nas questões culturais, sociais, ecológicas, seja nas relações de poder e domínio que estratificam o tecido social, gerando um estado desigual, promovedor de genocídios tangíveis e intangíveis.

3.1. HERANÇA COLONIAL

Falar da história indígena não é fazer o resgate das origens destes povos, visto que esta é uma história encarnada, existe no presente destes povos e mesmo no próprio esmagamento deles, na sucessão do existir. Sendo assim, não seria congruente falarmos sobre os povos indígenas, sem iniciarmos com uma rememoração, posto que a memória é uma condição de possibilidade para a continuidade.

É com um olhar retrovisor que observamos nossa realidade, a contemporaneidade, uma vez que o mundo é um tempo entrelaçado de antes-agora-porvir. Como nos diz Agamben (2009), o olhar contemporâneo tem sua origem em interface com o passado e o “devir histórico”, que nos possibilita “ler de modo inédito a história” e perceber “as trevas que provém do seu tempo” (p. 62).

As trevas que provém do nosso tempo vieram de climas temperados, em suas caravelas, trazendo estigmas e velas. Armas que rasgam a carne e a alma fazendo sangrar, escravizar, dizimar em nome da cruz e do trono. Em pró de uma civilidade, sem mútuo respeito, em busca de ouro, poder e prazer (GAMBINI,

1988), fizemos o quê?, colonizadores chegaram e sentenciaram: “selvagens entregues a uma existência fora dos paradigmas que deviam governar os espíritos cristãos”. Desta feita, os “operários de Cristo” iniciaram suas prédicas religiosas para libertar os gentios das forças demoníacas das terras do novo mundo (LIMA JUNIOR, 1945, p. 331).

Subliminar ao credo cristão estavam os mandamentos do imperialismo europeu, que despertou na imaginação imperial ideias de colonização que estruturou a experiência indígena causando uma ruptura na cultura, cavando covas na terra-corpo-alma, alargando os *espaços da morte*, classificando humanos e ‘não humanos’ (TAUSSIG, 1993).

O modelo relacional posto pela colonização gerou uma mentalidade hierarquizada, etinizada/racializada. Em tal contexto, os colonizadores eram a personificação da superioridade, e fixaram-se na ilusão de serem ‘humanos universais’, ideia que estende-se até os dias de hoje (QUIJANO, 2014).

A etnicidade é um componente político importante na decisão entre vida e morte dos povos indígenas. No Relatório Figueiredo, elaborado em 1967 que investigou a relação do Serviço de Proteção ao Índio - SPI, percebe-se a evidente presença do racismo contra os indígenas, ficando explícito nos registros que o genocídio foi um dispositivo utilizado pelo Estado para favorecer “os anseios daqueles que detinham o Poder” (GONZAGA, 2022, p. 94).

O extermínio dos povos indígenas é uma presença que em constância e de modos diversos está em curso; o massacre provocado pelo garimpo nos territórios Yanomami, as lideranças indígenas mortas rotineiramente, o silenciamento, epidemias, fogo e sangue nas matas. Estamos em um estado de “*normaticídio*”, no qual a morte de determinados povos é normalizada (GONZAGA, 2022, p.97).

A exploração do planeta provoca milhares de mortes. A contaminação por mercúrio denunciada no documentário *Amazônia, a nova Minamata?*, de Jorge Bodanzky, explicita o estado de normaticídio. A presença da sentença de extermínio dada aos indígenas, e conseqüentemente a todos nós, é uma realidade, tendo em vista que os que detêm o poder já os declararam extintos, como afirma Kum Tum Akroá Gamela: “O Estado negou a nossa existência, mas nós continuamos existindo, e todo dia a gente tem que provar que existe” (MILANEZ, et al., 2019).

Negar a existência inclui negar saberes ancestrais, embora tais conhecimentos foram e continuam sendo usados em prol do colonizador contra os colonizados. Essa tentativa constante de apagamento, de esfacelamento do modo de ser, pensar e existir dos povos ameríndios é um fenômeno que fomentou e fomenta, ainda nos dias atuais, um genocídio humano e epistemológico em plena ação (PAVÓN-CUÉLLAR, 2022).

Sendo um dispositivo político-cultural e estando historicamente enraizado no genocídio, o epistemicídio dita a extinção dos saberes que não se assemelham ao modelo imposto pelos 'humanos universais'. A sobreposição do pensamento eurocêntrico em detrimento dos saberes indígenas, é um exemplo do *modus operandi* ao qual o epistemicídio atua mantendo povos em subordinação (SANTOS, 1998).

O eurocentrismo estratificou o tecido social. Autoafirmando-se enquanto supremacia, esfacelou subjetividades, sobrepondo saberes, ditando normas sociais, padronizando o ser. Vivaz e atuante, mesmo após a 'oficialização' da independência, o espírito colonial modela nossa percepção e deteriora relações. A herança colonial – racismo-capitalismo-exploração – são trevas que provém do nosso tempo. É um exercício complexo, mas é essencial percebermos as sequelas do colonialismo, para que possamos emancipar nossos territórios e nossas mentes. Nesse sentido, refletir sobre a decolonialidade é um caminho possível para a elaboração de um sentido abrangente e autêntico do que de fato seja a humanidade, posto que o modelo atual é de total disparidade.

3.2 HERANÇA ANCESTRAL

Não apenas nós brasileiros, mas também os europeus, temos uma dívida histórica com os povos indígenas. Refletir sobre esse débito é uma forma de decolonizar nossa percepção com relação à concepção que foi implantada no imaginário popular ao longo da história, pois a contribuição dos povos originários se faz presente em nosso cotidiano, na herança cultural que atravessou gerações e hoje se manifesta de variadas formas em nossas vidas, desde a contribuição na sobrevivência dos europeus, ensinando-os o manejo e cultivo do solo e hábitos de higiene, à linguística, pois grande parte do nosso vocabulário é composto por vocábulos tupi, se não tivesse sido proibido pelo Marques de Pombal seria nossa língua oficial (BOFF, 2022).

A forte presença indígena está na medicina não só brasileira, mas mundial, pois a farmacologia dos povos ameríndios foi incorporada na medicina global, porém ignorada como advinda de conhecimentos ancestrais pela ciência moderna, como é o exemplo da *quina*, importantíssima para cura da malária, a *caapi* e a *coca*, utilizadas em anestésias e em variadas drogas farmacêuticas.

Nossos hábitos alimentares, dentre muitos, o milho, de origem Guarani, a batata, que os indígenas desenvolveram mais de cem espécies, bem como nossas tradições: folclore, lendas, festas, danças, músicas e culturação.

O conhecimento ancestral é tecido na sintonia com a natureza, na escuta da Terra, de quem os indígenas sentem-se filhos e filhas. Desse modo sabem casar céu e terra mostrando ao mundo um sentido ético e integrativo de preservação das florestas, pois são os povos indígenas que as cultivam e as mantêm vivas (BOFF, 2022).

Como nos diz Krenak (2022), temos uma herança ancestral que tem em si potências riquíssimas que carecem ser consideradas para que exista possibilidades de continuação. O ancestral é também o futuro, por meio do qual podemos manter tradições e assim cuidar da Terra, pois tudo que nela habita é vida, não apenas a compõem, mas é ela própria. Preservar a terra é zelarmos pelas nossas próprias vidas: o futuro ou é ancestral ou não existiremos no amanhã.

Nesse sentido a herança Ancestral não está apenas no antes, nas lembranças, está presentificada no tempo e este não é linear, é um bailar entre dimensões que para todos os lados traçam possibilidades de novos caminhos – de novos sonhos. Como sonhamos, caminhamos e caminharemos, é a questão (KOPENAWA, 2015).

4. UNIVERSO ONÍRICO

A história dos sonhos é longa e como um fio, vem se desenrolando por eras na superfície da Terra, e na atualidade, alinha povos e culturas, que os veem como condutor fiel de suas vidas. Assim é o sonho para os povos indígenas Yanomami, que presentificam suas existências no universo onírico, atribuindo a ele uma função reveladora, vital e sagrada por meio da qual adquirem conhecimentos enraizados em antepassados (KOPENAWA, 2015).

Carl Gustav Jung, psiquiatra suíço fundador da Psicologia Analítica, estudou o universo onírico compreendendo que os sonhos são chaves importantes que abrem pequenas portas para o oculto em nós. Percebeu que é no vasto e profundo universo interior da alma humana que os sonhos alçam a verdadeira comunhão viva da existência, pois por meio dos sonhos podemos adentrar no mais profundo da natureza do ser (JUNG, 2013).

Sabemos que o sonho faz parte da natureza humana, é inerente ao ser sonhar. Para os povos indígenas só existimos porque sonhamos e tudo é e nasceu por meio dos sonhos. A mitologia narra que com o surgimento da noite “os Yanomami dormiram. Antes os Yanomami não dormiam à noite, por isso eles não sonhavam” (LIMULJA, 2022, p.54).

Nesse sentido é necessário distinguir o sono dos sonhos, embora ambos componham o universo onírico apontam aptidões distintas. O sonho é uma atividade fisiológica que resulta do sono, onde ocorrem bioquimicamente as fases do ciclo sono-vigília. Contudo o sonho produz conteúdos psíquicos, ou seja, materiais oníricos; sentimentos, imagens, narrativas, símbolos, pensamentos (MATTOON, 2013, p. 16).

Os conteúdos oníricos se manifestam por meio de uma linguagem própria, regidas pelo inconsciente, simbólica, autônoma e atemporal. Jung defendia que a produção onírica carecia ser decodificada por conter mensagens significativas elaboradas pelo sonhador e para ele enviadas (GRINBERG, 2017).

4.1 UNIVERSO ONÍRICO INDÍGENA

Os povos indígenas sonham memórias e futuridades enraizadas nos ensinamentos ancestrais transmutados em narrativas mitológicas, ritos e mistérios que revelam o cosmo. A cosmologia dos indígenas concebe que os sonhos têm uma função estruturante que organiza e orienta a existência, regendo a vida em sua forma individual e coletiva, sonham não apenas consigo, mas com o todo (LIMULJA, 2022).

Um fenômeno que ocorre entre os povos indígenas e norteia o modo existencial com que se expressam no mundo é o tempo do sonho, que ocorre em uma dimensão etérea e se revela no momento do antes, no exato instante do agora, e do mais além. Na cosmovisão ameríndia o *tempo do sonho* não é apenas

um tempo, mas o Tempo em que tudo começou.

A terra não existia até ser cantada, assim é para os aborígenes australianos. O mundo iniciou-se após ser cantado-sonhado pelos ancestrais, que ao caminharem foram deixando rastro de notas musicais em suas pegadas. Em linhas, círculos e pontilhados mapearam caminhos e deram origem a todas as coisas. Segundo a tradição, cada ser é um sonho e o universo uma melodia única – um sonho único onde o Rastro dos Cantos entoam apontando os locais sagrados na terra e indicam o lugar de cada ser no mundo; quem é e para onde ir. (CHATWIN, 1996).

Os povos pumé, que vivem na região venezuelana de Los Llanos del Apure, nomeiam o tempo do sonho como ‘Mais além’, onde moram os espíritos criadores, portadores de todos os conhecimentos do universo. Por meio do ritual *Tõhé*, os pumé cantam invocando os sonhos dos espíritos criadores, para que possam ter acesso ao mais profundo significado do conhecimento contido nos acontecimentos, despertos e oníricos que orientam a vida (OROBITG, 2022).

Nas palavras de um xãma pumé “para viver bem, tem que se sonhar bem, tem que se cantar bem” (OROBITG, 2022, p.5), pois assim como é no *Tõhé* é também no sonho, uma viagem da alma. Os pumé referem que a alma (*pumethó*) viaja ao encontro dos espíritos ancestrais na terra do “Mais além”, enquanto seu corpo (*ikhará*) fica no “Aqui” servindo de receptáculo para os espíritos criadores se revelarem em palavras a toda comunidade. Assim a viagem da alma ocorre ao longo da ritualística e durante os sonhos, e em cada viagem novas descobertas de mundo e seres, bem como novas relações se estabelecem na terra do “Mais além”.

Nesse sentido, o sonho pode ser compreendido como um meio de transporte e comunicação entre o “Aqui” – nas terras *pumé* – e no ‘Mais além’ – nas terras dos espíritos ou territórios do sonho” (OROBITG, 2022, p.12). Porém, muito mais que um meio de comunicação, os sonhos proporcionam uma real interação, uma unificação entre o humano e os espíritos criadores. Tal experiência onírica desencadeia “um estado de ser que garante a manutenção da vitalidade da pessoa, bem como a existência e a sobrevivência do cosmos” (p.5).

Na cosmovisão dos povos Yanomami, *Omama*, criou o universo e todas as suas formas, concebeu também a *Mãri hi* – a árvore dos sonhos, que foi plantada nos confins da terra e sempre que suas flores desabrocham, sonhos são enviados

para os Yanomami. É no *tempo do sonho* (*mari tēhē*) que os *xapiri* (espíritos) dançam, enviando cânticos, curas, visões e ensinamentos (KOPENAWA, 2015).

Ao sonhar, o *pei siki*, o corpo, continua deitado na rede, “enquanto o *pei utupē*, uma espécie de imagem vital, se desprende e pode viajar por lugares que o sonhador percorreu durante o dia ou por locais distantes e desconhecidos” (LIMULJA, 2022, p. 60). Porém, antes que despertem o *pei utupē* retorna para o corpo. Todas essas situações são sempre vivenciadas pela imagem do yanomami no tempo do sonho.

Contudo existe uma ambiguidade quanto ao sonho, e esta reflete diretamente um aspecto que para os yanomami é muito relevante, que é a questão mitológica, pois para eles o fenômeno onírico é classificado em sonhos cotidianos que geralmente são de cunho premonitórios, e os sonhos aos quais eles de fato consideram como sonho, que são as palavras dos *xapiri*.

Há duas palavras *marimu*. Existe a palavra do *xapiri*; *xapiri* é igual a sonho... Sonho é diferente, sonho é coisa ruim. Sonho com cobra mordendo perna, braço, no sonho vai aparecer a mesma coisa... os espíritos estão falando dos mitos, antigamente, de como surgiam as coisas, é disso que eles falaram aqui. Eles são superiores, criadores... (LIMULJA, 2022, p.154).

Nesse contexto, “há duas palavras *marimu*”, o que significa que na visão yanomami existem duas formas de sonhar; a forma que se refere a sonho e a que se refere as palavras dos *xapiri*. Essas palavras são dadas sobretudo aos xamãs, pois os mitos narrados pelos xamãs são sonhos enquanto os sonhos dos não xamãs, nesse aspecto, não são sonhos (LIMULJA, 2022, p.155).

Portanto, os mitos que povoam o universo yanomami foram sonhados e narrados pelos xamãs. Sendo assim, os mitos só existem porque foram sonhados e conseqüentemente contados, tendo em vista que o compartilhamento de sonhos é uma prática comum entre os yanomami, seja em momentos ritualísticos ou não. E a cada sonho narrado o mito passa por um processo de atualização por meio da experiência afetiva do sonhador/narrador. Assim, “todo mito seria o sonho de alguém, no sentido de que foi experimentado por alguém” (LIMULJA, 2022, p.16).

Nesse aspecto, sonhos e mitos são fatores que entrelaçados norteiam as intervenções dos povos yanomami por meio das imagens e palavras dos *xapiri* e de *Omama*, seja para resolver conflitos internos na comunidade, curar doenças, proteger a floresta. Nesse sentido, para os yanomami o sonhar alcança dimensões

políticas. Por fim, as palavras de Davi Kopenawa Yanomami (2015, p. 389-390):

Para nós, a política é outra coisa. São as palavras de *Omama* e dos *xapiri* que ele nos deixou. São as palavras que escutamos no tempo dos sonhos e que preferimos, pois são nossas mesmo. Os brancos não sonham tão longe quanto nós. Dormem muito, mas só sonham com eles mesmos. Seu pensamento permanece obstruído e eles dormem como antas ou jabutis.

4.2 UNIVERSO ONÍRICO JINGUIANO

Nos escritos que compõem a vasta obra de Carl Gustav Jung é perceptível a atenção que ele dedicou ao estudo do universo onírico, posicionando os sonhos em um lugar de destaque, como “pedra fundamental” no processo de análise. Jung deixou como legado uma minuciosa e rica contribuição para a Psicologia moderna (HOPCKE, 2012).

Falar sobre o universo onírico junguiano em sua totalidade é sem dúvida mergulhar em um mar de proporções imensuráveis, com águas muito profundas. Dado a limitação em um trabalho desse cunho para abordar profundamente a teoria junguiana, abordaremos conceitos básicos, introdutórios. Sendo assim, julgamos pertinente para uma melhor exposição, iniciarmos identificando os aspectos estruturais da psique, que segundo a concepção junguiana é composta pela consciência, inconsciente pessoal e inconsciente coletivo.

Na consciência estão os conteúdos que temos acesso, nossas lembranças, experiências. Tendo como centro regulador o Ego, ou como considera Jung "o complexo de Ego", sendo esse complexo o mediador entre os conteúdos conscientes e os conteúdos inconscientes. Isso significa que é o Ego quem controla o que entra e o que sai da consciência. Ele intervém na vida consciente, direciona o nosso ‘senso’ de identidade e de percepção consciente no mundo. Os conteúdos que não são ‘aprovados’ pelo Ego vão para o inconsciente pessoal, ou seja, o inconsciente pessoal é onde estão os conteúdos que já foram conscientes e que agora submergiram, seja por não se adequarem a consciência, por não considerarem a processo de individuação, por não serem bem assimilados (SAMUELS, 2003 p. 24).

O inconsciente pessoal é um receptáculo particular onde estão as experiências vividas, porém os conteúdos psíquicos que estão no inconsciente

pessoal podem retornar à consciência. O inconsciente pessoal é bem importante, por exemplo, para os sonhos. Pois os sonhos são expressões subjetivas, e nesse sentido, existe muito do inconsciente pessoal nos sonhos. E é também pelos sonhos que os inconscientes pessoal e coletivo dialogam (ROTH, 2012).

O inconsciente coletivo é composto por conteúdos que nunca estiveram na consciência e refletem processos arquetípicos, tendo como mediador o Self ou Si-Mesmo. Porém o Self não apenas orienta os conteúdos do inconsciente coletivo, é o centro regulador de toda psique, logo o ego está submetido a ele. O Self depende do ego para se comunicar com o mundo exterior, que Jung denominou de Eixo Ego-Self. Seria neste caso uma confrontação de opostos, necessitando que o ego esteja fortalecido para conduzir os processos inconscientes (SAMUELS, 2003 p. 52).

Dito isto, entendemos que os sonhos são processos psíquicos relevantes e que nos colocam em um modo iniciático, posto que eles iniciam e reiniciam em nós, movimentos que podem ser compensatórios ou não, e que possibilitam a partir da assimilação e amplificação de seus conteúdos, uma apercepção que quando reflexiva, nos conduz em direção a um sentido autêntico em relação a nossa vida, nos aproximando de quem somos.

Em geral, os sonhos exprimem o mundo interior do sonhador proporcionando que conhecimentos migrem do inconsciente para a consciência, compensando o que porventura tenha se perdido dela, assim integrando-os. Contudo, Jung alegava que embora sejam raros, há sonhos que fogem essa regra compensatória, e que se manifestam de maneira extrassensorial e prospectiva (HOPCKE, 2012).

Mediante tal reflexão, percebe-se que o olhar da Psicologia Junguiana se inclina aos sonhos a partir do sentido que o sonhador emprega ao seu conteúdo. Jung defendia que os conteúdos oníricos apresentam uma individualidade simbólica podendo ser melhor interpretada pelo sonhador. Nesse contexto, Jung importava-se com as associações e com as amplificações de símbolos e imagens que o sonhador elaborava em relação ao sonho, avaliando desta forma o tema onírico e a presença ou não de imagens arquetípicas (HOPCKE, 2012, p.36).

Jung identificou que podia interpretar os sonhos com base no olhar subjetivo que manifesta-se a partir do universo interior do sonhador, e de maneira objetiva, revelando situações referentes ao contexto de vida externa. Ambas as

possibilidades, são processos psicológicos e se expressam de forma simbólica. Jung compreendia os sonhos numa perspectiva teleológica, levando em consideração que os sonhos enquanto produções naturais e tendo um sentido em si mesmos, expressam-se de forma espontânea e atuam de maneira não disfarçada, pois como produções da psique operam a favor e não contrários a totalidade psíquica. Este modo de compreender os sonhos, é descrito como sintético, com a suposição de que os conteúdos que surgem, são povoados por fenômenos psicológicos com significados que carecem ser observados de forma singular (SAMUELS, 2003 p. 63).

Jung constatou que embora sejam relevantes e contributivos para a equilíbrio psíquica, “nem todos os sonhos têm a mesma importância. Os próprios primitivos distinguem entre ‘grandes sonhos’ e ‘pequenos sonhos’. Nós os chamaríamos de ‘sonhos significativos’ e ‘sonhos banais’” (JUNG, 2022, p.117).

Os pequenos sonhos, são aqueles que manifestam ‘restos do dia’, ou seja, são fragmentos de fantasias oriundas de acontecimentos rotineiros, tendo uma validade curta, sendo rapidamente por nós esquecidos, pois não alcançam as transformações necessárias para o equilíbrio psíquico. Assim, seus conteúdos geralmente são referentes aos aspectos pessoais, individuais (JUNG, 2022).

Os grandes sonhos, “ficam gravados muitas vezes na memória por toda vida e constituem, não raramente, a jóia mais preciosa do tesouro das experiências psíquicas” (JUNG, 2022, p. 118). Ao examinar tais sonhos, Jung percebeu que eles têm singularidades que os fazem distintos de outros por apresentarem elementos simbólicos que trazem narrativas da história de toda a humanidade, sendo estes sonhos povoados por mitologemas que Jung nomeou de arquétipos.

O arquétipo refere-se a uma imagem existente no interior da psique, suas expressões podem ser percebidas no curso histórico da humanidade, estando assim presentes “nos rituais, mitos e nos símbolos desde os primórdios do homem, e igualmente nos sonhos, nas fantasias e nas realizações criativas de indivíduos enfermos e sadios do nosso tempo” (NEUMANN, 2021, p.19).

Jung destaca que o símbolo difere dos signos, pois esses representam sinais que indicam objetos. Já os símbolos podem ser nomes, imagens, que embora sejam familiares, possuem conotações específicas que vão além das significações que as evidenciam. Dessa forma os símbolos estão para além de

uma compreensão consciente. Para algo ser considerado simbólico tem que existir “alguma coisa além do seu significado manifesto imediato” tendo, portanto, ‘aspectos ‘inconscientes’, mais amplo, que nunca é precisamente definido ou inteiramente explicado. E nem podemos ter esperança de defini-lo ou explicá-lo” (JUNG, 2016, p.19).

Neumann (2021) afirma que “o simbolismo do arquétipo é a maneira como ele se manifesta sob a forma de imagens psíquicas específicas, que são percebidas pela consciência e peculiares a cada arquétipo” (p. 20). Contudo, diferentes aspectos de um determinado arquétipo podem aparecer em imagens distintas. Por serem simbólicos e circumambulares, não possuem uma definição quanto a sua natureza, posto que seu dinamismo integra tanto seu núcleo quanto a sua periferia, são em si mesmos.

Por fim, para Psicologia Junguiana o universo onírico se manifesta com linguagem própria, simbólica e atemporal. Sejam pequenos ou grandes, “os sonhos podem exprimir verdades implacáveis, sentenças filosóficas, ilusões, desenfreadas fantasias, recordações, planos, antecipações, e até visões telepáticas, experiências irracionais e sabe Deus o que mais” (JUNG, 2022, p.142).

5. CONSIDERAÇÕES

Este estudo teve por objetivo elafetivar uma introdução ao universo onírico na perspectiva da cosmologia indígena e da Psicologia Junguiana. No decorrer do processo de leitura exploratória percebemos que este estudo não se justificaria sem abordamos questões sociais e históricas as quais causaram rupturas significativas na cultura, na vida dos povos originários.

Diante de tais constatações, a reflexão foi alargada e o olhar ampliado para além dos sonhos, posto que o universo onírico indígena é composto por dimensões e uma delas é o mundo desperto.

Assim fomos despertados por questionamentos quanto ao rico simbolismo contidos nas duas visões apresentadas, indígena e junguiana. Os fenômenos que emergem dos sonhos indígenas apresentam componentes que nos levam a identificar aspectos arquetípicos na herança mitológica destes povos, nos fazendo refletir sobre esta, e isso nos possibilita ver como ela está presente na elaboração dos conteúdos do inconsciente coletivo, que, a despeito de todas as tentativas de

extinção, afetam a psique objetiva. Tendo nossa ancestralidade relegada, nossas raízes arrancadas pelo imperialismo europeu, como ficam as nossas imagens primordiais?

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009. AMAZÔNIA, A NOVA MINAMATA?. Direção: Jorge Bodanzky. Produção: Nuno Godolphim. Rio de Janeiro: Ocean Films, 2022.

BOFF, Leonardo. **O casamento entre o céu e a terra:** contos dos povos indígenas do Brasil. São Paulo: Planeta do Brasil, 2022. 240 p.

COSTA, Ricardo da. As Projeções Oníricas na História. *In:* COSTA, Ricardo da (org.). **O sonho na história:** a história e a ciência do sonho. São Paulo: E-IVITRA Poliglota, 2014. cap. 1, p. 13-21. Disponível em: https://www.ricardocosta.com/sites/default/files/livros/pdf/ossonhosnahistoria_1.pdf . Acesso em: 17 maio 2023.

CHATWIN, Bruce. **O rastro dos cantos.** São Paulo: Companhia das letras, 1996.

GAMBINI, Roberto. **O espelho índio:** os jesuítas e a destruição da alma indígena. Rio de Janeiro: Espaço e tempo, 1988.

GONZAGA, Álvaro de Azevedo. **Decolonialismo indígena.** São Paulo: Matrioska, 2022.

GRINBERG, Luiz Paulo. **Jung:** o homem criativo. São Paulo: Blucher, 2017.

HOPCKE, R. H. **Guia para a obra completa de C. G. Jung.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral.** São Paulo: Companhia das letras, 2022.

_____. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das letras, 2020.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu:** palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das letras, 2015. 729 p.

JUNG, Carl Gustav. **Ab-reação, análise dos sonhos e transferência.** Rio de Janeiro: Vozes, 2020.

_____. **Arquétipos e o inconsciente coletivo.** Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

_____. **Civilização em transição.** Rio de Janeiro: Vozes, 2013

_____. **Memórias, sonhos e reflexões.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.

_____. **O eu e o inconsciente.** Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

_____. **O Homem e Seus Símbolos.** Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2022.

_____. **Sonhos.** Rio de Janeiro: Vozes, 2022.

LIMA JUNIOR, Augusto de. A Congregação do Oratório e suas igrejas em Pernambuco. *In:* **Revista do serviço do patrimônio histórico e artístico nacional**, Rio de Janeiro, n. 9, 1945. p. 331-346. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat09_m.pdf . Acesso em: 2 maio 2023.

LIMULJA, Hanna. **O desejo dos outros:** uma etnografia dos sonhos yanomami. São Paulo: Ubu, 2022. 192 p.

MATTOON, Mary Ann. **Como entender os Sonhos.** São Paulo: Paulus, 2013.

MILANEZ, Felipe *et al.* Existência e diferença: o racismo contra os povos indígenas. **Direito e Praxis**, [S. l.], v. 10, n. 3, p. 2161-2181, 10 jul. 2019. DOI 10.1590/2179-8966/2019/43886. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rdp/a/3SxDNnSRRkLbfh3qVFtmBDx/?lang=pt> . Acesso em: 17 maio 2023.

NEUMANN, Erich. **A grande mãe**: um estudo histórico sobre os arquétipos, os símbolos e as manifestações femininas do inconsciente. Rio de Janeiro: Cultrix, 2021.

OROBITG, Gemma. Para além do sonho e da vigília: o sonho ameríndio e a existência. **Revista de Antropologia**, Universidade de São Paulo - USP, v. 65, ed. 3, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ra/a/qhG5XLmJNpM8BnbPMrR48Rb/>.

Acesso em: 17 maio 2023.

PÁVON-CUÉLLAR, David. **Além da psicologia indígena**: concepções mesoamericanas da subjetividade. São Paulo: Perspectiva, 2022.

QUIJANO, Aníbal. “Raza”, “etnia” y “nación”: cuestiones abiertas. In: **Cuestiones y horizontes**: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder. Buenos Aires: CLACSO, 2014. Disponível em:

<http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20140507040653/eje3-7.pdf>. Acesso em: 17 maio 2023.

RIBEIRO, Sidarta. **O oráculo da noite**: a história e a ciência do sonho. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

ROTH, Wolfgang. **Introdução à psicologia de C.G. Jung**. Rio de Janeiro: Vozes.

SAMUELS, Andrew. **Dicionário Crítico de Análise Junguiana**. Edição Eletrônica. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2003. *E-book*.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **La globalización del derecho**: los nuevos caminos de la regulación y la emancipación. Colombia: ILSA, 1998.

SMITH, Linda Tuhiwai. **Descolonizando metodologias**: pesquisa e povos indígenas. Curitiba: UFPR, 2021.

TAUSSIG, Michel. **Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem**: um estudo sobre o terror e a cura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.